



AVE MARIA



**PUBLICAM SUAS PROMESSAS E
AGRADECEM GRAÇAS RECEBIDAS:**

SÃO PAULO — D. Maria Ferreira Leite, ao Beato Claret.

ITUVERAVA — D. Ana Maria de S. S., a Nossa Senhora Aparecida, Nossa Senhora de Fátima, ao Coração de Jesus e ao Coração de Maria.

GUARANESIA — D. Beatriz, aos Sagrados Corações de Jesus e Maria.

LEVERINIA — D. Nair de Almeida, ao Santíssimo Sacramento.

LONDRINA — D. Judite R. Camargo, a Santo Antônio.

JUNDIAÍ — Uma filha de Maria, ao Glorioso São José.

AMERICANA — Sr. Vicente della Rosa Filho, a São João Batista, e pelas almas.

IBITINGA — D. Ana Mendes Paez, pelas almas.

MUNIZ FREIRE — D. Maria de L. Carvalho, por Raimundo, por Artur, por seus parentes, a Nossa Senhora Aparecida, a Santa Rita de Cassia, a Nossa Senhora da Consolação.

SANTOS — Dr. Fabio Peixoto, por Maria Leonor de Souza; em louvor de São José. — D. Antônia Martins, por Serafim e José Martins. — D. Ana Castro, por Miguel Castro e Rodrigo Freitas. — D. Olinda Neves Ferreira, pelas almas, a que tem maior obrigação, pelas almas mais abandonadas, ao Divino Espírito Santo.

D. Virginia Amado, pelas almas, e por Carlos e Antônio. — D. Maria de Jesus Pinto, pela Novena das Três Ave Marias. — D. Guilhermina Domingues, por Eduarda Augusta Domingues; por Antônio Domingues; por Jacinta Rosa; por Antônio Ferreira; pelas almas, a Nossa Senhora Aparecida. — D. Conceição Rudgiero, por três intenções particulares. — D. Roma Aguiar, por Ernesto Gomes, Arlindo, Emilia e Manoela. — D. Maria Lopez Martinez, por José e Josefa Martinez; Fernando Lopez e Júlio Albas; e por Manoel Lopez. — D. Joaquina Augusta, pela memória de Jesus na Coluna, por Manoel Fraga e esposa; por Maria Augusta e filha; por Júlio, Armando e Manoel; por Antônio Alves, Josefa Alves e esposo. — D. Esperança, em louvor do Sagrado Coração de Jesus e Nossa Senhora de Fátima, por Maria M. M. de Freitas.

* Não é a glória nem o amor que medem a elevação de uma alma, é a bondade.

(J. Guibert.)

A conversão

de Luiz Veuillot

Conta-a êle assim:

“Foi péssima a educação religiosa que me deram. Não só fiquei ignorando a verdade, mas ganhei respeito e veneração pelo erro.

Ao concluir os estudos trazia a alma abarrotada de argumentos contra Deus e a Igreja católica. Bom parisiense dos bairros de Montmartre deitei-me aos negócios e, nas horas vagas, à política, sem preocupações doutra espécie.

Casiei-me. Procurei apenas a beleza, o talento, o dinheiro; mas quis Deus dar-me esposa boa e honrada. Embora com educação igual à minha e como eu ignorante, era muito superior a mim: tinha o senso religioso.

E apenas foi mãe cresceu-lhe aquele senso a olhos vistos: nascido o primeiro filho, entrou, a valer, no caminho do bem.

Quando me ponho a pensar nestas coisas, nem sei como a Deus agradecer... Com outra mulher, nem me teria lembrado de mandar batizar os filhos.

Iam êles crescendo; os mais velhos fizeram a primeira comunhão sem eu dar por isso. Confiante, deixava à mãe o dirigir a família pequenina e nem advertia que me transformava o convívio com a sua virtude.

Nasceu o mais novo. Coitado! Criança de gênio desabrido, birrento e sem grandes faculdades. Queria-lhe como aos outros, mas às vezes vinham-me ganas de o tratar com aspereza. Acudia à mãe: “Tem paciência, com a primeira comunhão ficará outro”.

Não esperava o milagre; mas a verdade é que ao pequenino, apenas começou a se preparar para a comunhão na lição da doutrina cristã, foi-se-lhe transformando o gênio. Cai na conta: realmente crescia-lhe a alma, o seu coração pequenino lutava e vencía, abrandava-se o caráter e entrou a ser docil, respeitador, afetuoso.

Admirei aquela mudança que a razão é impotente para realizar nos homens; e ao pequenino que me preocupara tanto, dei de o amar mais que aos outros.

E o milagre, ao mesmo tempo, obrigava-me a pensar. Puz-me a ouvir o doutrina e ia-a confrontando com a filosofia e moral que aprendera e com a vida que vivia; e não pude deixar de reprovar intimamente os passados desvarios.

O problema do bem e do mal que sempre evitara refletir pois o tinha por insolúvel, agarrou-se-me ao espírito e não mais me largou. Interrogava o pequenino: espantava-me o acerto das suas respostas.

...Minha esposa em silêncio observava. Notei que se deu mais à oração. As noites corriam e eu quasi nem pregava olho a comparar a inocência dos dois amores com a minha vida; e dizia comigo mesmo: minha mulher e meu filho amam em mim uma coisa que eu nem sequer descobri: a minha alma.

E um dia meu filho veio falar-me da alma. Só lhe respondi: Quando quizeres, hoje mesmo, leva-me pela mão aos pés do teu confessor e diz-lhe: aqui está meu pai.

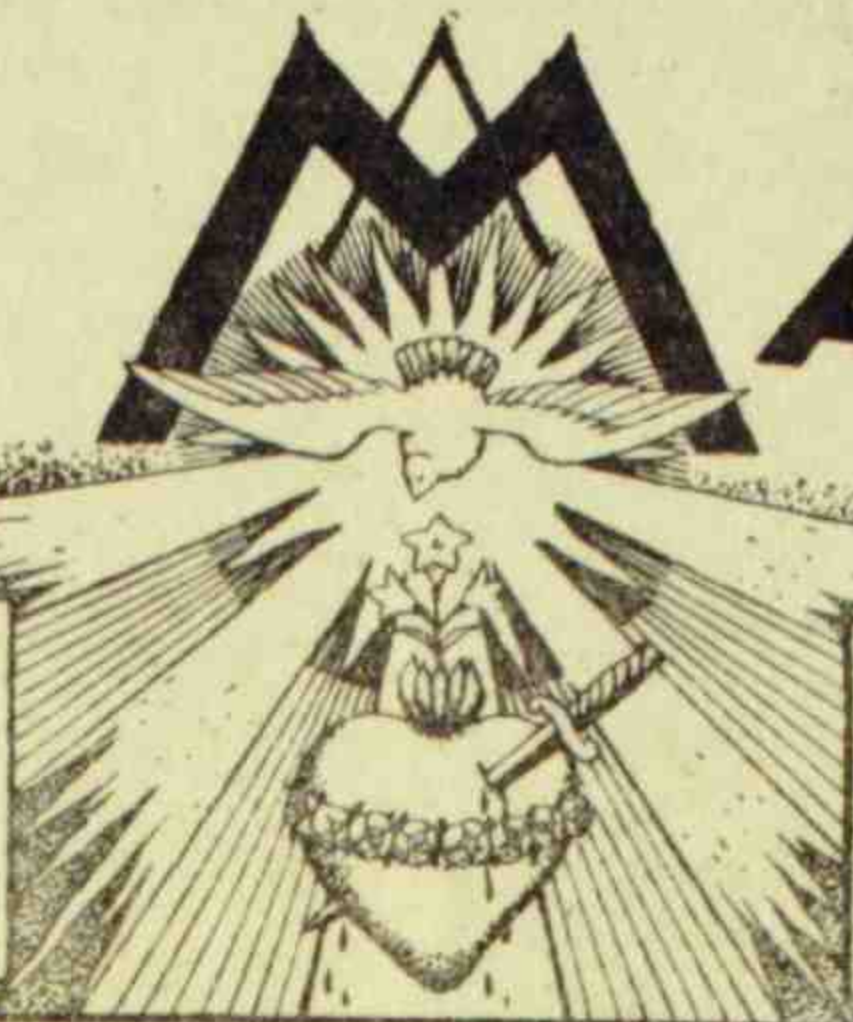
A virtude, sobretudo quando é uma esposa, e os filhos que a vivem e deveras a praticam, irradia e é causa de contágio...”

AVE

REVISTA SEMANAL

MARIA

CATÓLICA ILUSTRADA



ASSINATURAS:

Perpétua 150\$000
 Ano 10\$000
 Número avulso . . . \$500
 (Com aprov. eclesiástica)

RED. E ADMIN.:

Rua Jaguaribe, 699
 Fone: 5-1304 - Caixa, 615
 OFICINAS: Rua Martim
 Francisco, 646-656

A zizânia das propagandas antireligiosas e o seu ★ urgente remédio

COMO um sol meridiano sem a sombra das nuvens na vastidão do firmamento, esplendeu outrora a doutrina da Igreja, ensinada pelos seus Antístites e Doutores; e sem peias nem contradição era governada pela prudência e zêlo dos seus Prelados.

Mas vieram as vozes do protesto herético, a princípio solapadas e ocultas, veladas com aparente conformidade às Escrituras; e quando já os dissidentes obtiveram prosélitos decididos, transformaram-se as suas propagandas dissimuladas em vozes de combate, em cátedra de contradição ousada pelas páginas do livro editado, pelas colunas do jornal, pelas tribunas do parlamento e pelas arengas das academias e das universidades.

O inimigo, a favor do sono ou do descuido, ou antes, da confiança excessivamente otimista de muitos guardas de Israel que não queriam sair dos seus costumes e tradicionais sistemas de ensino das elites e de educação religiosa do povo, esse inimigo perpétuo da religião que como Judas não dorme, vigiando sempre para a destruição do reino de Deus, semeou profusamente a zizânia na vinha

do Senhor, lançando aos quatro ventos pelas folhas da imprensa as suas doutrinas deletérias, assim como fizera antes e seguirá fazendo também pelas conversas animadas a domicílio nas reuniões secretas.

A zizânia deu fartamente, como é sabido, os seus frutos, e continuará a dá-los por toda parte com maiores resultados, se os católicos que sentirem em si alguma faísca de zêlo não se aplicarem a contrarrestar as enchentes da impiedade com iguais processos, antes que os inimigos da religião para consolidar os seus triunfos não apelem às violências inomináveis da mão armada, como já realizaram tantas vezes, segundo a história confirma nas diversas regiões em que estava afirmada a benfeitora preponderância do Catolicismo.

Louvaram-se por isso as prégações assíduas e as publicações tealógicas e apologéticas dos sacerdotes católicos, especialmente da Companhia de Jesús, secundados pelo apóio dos Bispos e de outros Principes que não se deixaram arrastar pelas veemências dos propagadores heréticos nem se deixaram solicitar pelos

atrativos das cobiças sacrílegas que fatalmente tentaram os príncipes e os reis apóstatas do século XVI.

Mereceram igualmente os máximos louvores aqueles outros que denodadamente se opuzeram às propagandas de Voltaire e dos demais enciclopedistas; mas já não foi infelizmente com igual êxito, pois a teoria do livre exame das escrituras e dos dogmas da Igreja, prégada de início pelos herejes, e embora não aceita pelos católicos intelectuais, não deixava de afagar o orgulho nativo dos homens, sentindo-se êstes ainda mais atraídos pela independência total da razão para tudo julgar por si, preparada inconscientemente por Descartes e propalada manifestamente pelos deístas e outras seitas anti-religiosas, negando ou menosprezando a autoridade infalível da revelação divina.

E o triunfo geral, obtido por elas após a revolução para dominar civilmente ou ao menos para propagar-se assiduamente pela imprensa em muitos países cristãos, exige, pois, grande atividade propagandista nos que zelam a conservação da fé e da vida católica, assim como reclama nos fiéis para si e para o bem espiritual e eterno das suas famílias a aceitação franca e generosa, e não só o favor benigno das publicações conformes à revelação, completando esta ação católica individual com a nobre e firme repulsa dos jornais e dos livros contrários, não só dêsses que abertamente combatem a crença, senão a

daqueles que defendem a imoralidade e a indiferença para com a religião.

Devem, pois, os arquiconfrades cumprir êstes sagrados deveres para serem agradáveis ao Coração de Maria, e orar ao mesmo com insistência para que todos os católicos os cumpram fielmente, preservando-se do grande perigo que constitue para propagar a descrença e a imoralidade a leitura dos máus jornais, do romance pervertido e das outras classes de propagandas deletérias.

P. Luis Salamero, C. M. F.



A' sombra da humildade

*Jesús, quando contemplo o lampadário
de estrelas, com que à noite o céu iluminas,
e lembro que entre sombras peregrinas
Te escondes num Belem ou num Sacrário...*

*Si a fé me diz, Jesús, que és Proprietário
da vida e que tudo Tu germinas,
e vejo-Te que, exânime reclinas
no leito duma Cruz sôbre o Calvário...*

*Si vejo... Mas, Jesús, porque o contraste
de sombras e de luz Tu coadunaste?
— Si aos homens, diz Jesús, só a luz mostrara,
ao envez de os atrair, os ofuscara.*

*É, pois, por conquistar a humanidade
que Eu visto-Me das sombras da humildade...*

Leblón (Rio de Janeiro).

FREI ÂNGELO ALVARES, A. R.



Filha, não rainha

Guilhermina, futura rainha da Holanda, com quatorze primaveras formosas, bate um dia à porta dos aposentos de sua mãe.

— Quem é — perguntou esta.

— A rainha da Holanda! respondeu Guilhermina com voz alta e enérgica.

— Então não pode entrar.

A pequena rainha compreendeu que havia cometido um erro. Dulcificando o tom de sua voz, disse de novo:

— Mãezinha: não é a rainha da Holanda, é tua filha que te quer e deseja dar-te um beijo.

— Então podes entrar, disse a mãe sorrindo, enquanto a pequena soberana corria para os seus braços.

OS SANTOS DA SEMANA

OUTUBRO

- Dia 4** — XIX Domingo depois de Pentecostes; São Francisco de Assis.
- Dia 5** — São Plácido; São Meinolfo; Santo Atilano; Santa Flávia.
- Dia 6** — São Bruno; Santa Saturnina.
- Dia 7** — Festa do SS. Rosário; São Marcos, Papa; São Sérgio; Santa Júlia.
- Dia 8** — São Simão; Santa Brígida; Santa Lourença; Santa Valéria.
- Dia 9** — São Dionísio Areopagita; Santo Eleutério; São Rústico; São João Leonardo.
- Dia 10** — São Francisco de Borja; São Cerbônio.

Espera em Deus!

A esperança eleva; o desespero cega e embrutece! Enquanto uma alma espera, pode ser rehabilitada e regenerada; depois que caiu no abismo do desespero, deve ser considerada como asfixiada, não sendo capaz de receber a aragem da vida sobrenatural; tornou-se insensível, aletargada e oprimida pelo peso da maior das desgraças: a desconfiança na Divina Providência!

Já Aristóteles soube dizer: "A esperança é o sonho do homem acordado".

"A esperança é a poesia da dor, é a promessa eternamente suspensa diante dos olhos que choram e do coração que padece (Mantegazza).

Hoje, em que tanto proliferam na sociedade os homens sem caráter e em que as almas fracas, traiçoeiras e desfibradas nos aparecem em toda parte, bem reconhecemos a grande falta que nos faz a esperança cristã. É por isto que ela faz parte desse conjunto maravilhoso de recursos espirituais que, na Igreja Católica, recebem o nome de virtudes teológicas: fé, esperança e caridade.

Na memorável encíclica "Divini Redemptoris" o grande Pontífice Pio XI escreveu esta introdução: "A promessa de um Redentor ilumina a primeira página da história da Humanidade; e deste modo a confiada esperança de um porvir melhor aliviou a amargura de um paraíso perdido e acompanhou o gênero humano em seu doloroso caminho, até que na plenitude dos tempos o Salvador do mundo, baixando à terra, satisfez à espetativa e inaugurou uma nova civilização universal, a civilização cristã, imensamente superior à que o homem havia, até então, laboriosamente alcançado em algumas das nações mais civilizadas".

Arrancada a esperança cristã no coração do homem, teremos um derrotado moral, jogado como ser inútil à beira da estrada da vida.

Sem a esperança cristã, as grandes aglomerações humanas converter-se-iam em turbas sanguinárias e incendiárias, como tantas vezes tem acontecido nestes últimos trágicos cinquenta anos.

Vivemos horas crepusculares, torvas e angustiosas; o céu está toldado de nuvens pardacentas e os horizontes fechados e carregados de enigmas...

Só para a Igreja Católica não ha noite sem alvorada, nem penumbras onde não possa fazer penetrar os seus clarões de luz, nem segredos que se não decifrem.

Como mãe solícita e avançando constan-

temente com o seu lema renovador "Charitas Christi urget nos", ela tem sempre uma palavra fecunda para o coração árido, um bálsamo suave para o espirito que sangra, um alívio para as maiores agruras da alma!

Na sua vida intrépida de apostolado, o Beato Padre Claret nos oferece um exemplo vivo do que pode, no meio das maiores dificuldades e nos tempos mais calamitosos, o homem que, confiando na Divina Providência, se atira à realização das maiores empresas religiosas e sociais.

Fitos os olhos nesse ideal sublime — a glória de Deus e o bem das almas, o grande Arcebispo Claret jamais conheceu o desânimo dos tímidos e apoucados.

Não recordamos ter lido na vida de outros Santos, que chegassem a agradecer a Deus, todos os dias, como o fazia o Padre Claret, o benefício da predestinação à gloria do Céu.

Era tão filial a sua confiança em Deus, que, estando na terra e, portanto, incerto da sua salvação, já agradecia com antecedência a graça suprema da sua entrada na mansão da paz!

P. SEBASTIÃO PUJOL, C. M. F.



Os desejos das criaturas racionais se dirigem naturalmente para a felicidade. Todos desejam ser venturosos e, comumente, erram na escolha dos meios que hão de empregar para conseguí-la.

Os homens estão persuadidos que lhes será fácil libertar-se de uma multidão assombrosa de males que os rodeiam, valendo-se de artificios sugeridos pela indústria humana. As enfermidades, a pobreza, e muito mais que tudo, a perfídia e malícia de nossos semelhantes, nos deixam num estado deplorável.

Aqueles que tiveram a felicidade de conhecer a Deus, encontram um meio seguro para lutar contra todos os infortúnios.

Deus ajuda aos que seguem o caminho da justiça, tira do coração aflito os pezares e põe em seu lugar uma tranquila confiança.

Nada pode ambicionar o homem que não lhe ofereça a divina misericórdia.

Todos procuramos a felicidade e sómente na fé em Deus é possível encontrá-la.

Apostolado moderno



OM a batina empoeirada, as mãos negras de pregar tábuas para fazer o estrado, à luz duma candeia, o Vigário, que acabava de comer uma sopa, voltou-se bruscamente para a porta, que se abria, deixando assomar o sacristão ofegante.

— Oh! Sr. Vigário!

— Que ha de novo?

— A sala está cheia... mais do que cheia... Ha uma quantidade de gente que protesta, porque não pode entrar...

O Vigário perguntou à criada:

— Onde está a minha capa? Com todas estas coisas, nem sei onde a puz...

Encontrando-a, finalmente, saiu atrás do sacristão.

* * *

A noite estava fria e escura. O céu, dum azul sombrio, fitava na terra os olhos das estrelas. E do fundo do horizonte vinham rajadas de vento. Apesar disso, ouvia-se outro ruído do lado da praça...

— São eles! disse o sacristão.

— E eu com medo de não ter público!

— É o resultado do seu cine... cine... como é o nome todo.

— Cinematógrafo...

— Toda a aldeia quer ver... Vai ouvir das boas...

— Como ha de ser isto?

— Eu sei cá... não ha outra casa...

* * *

Pensativo, o Vigário encaminhou-se para a praça.

Apenas o avistaram, toda a gente se dirigiu a ele, perguntando:

— Então o sr. Vigário convidou toda a gente, e agora não tem lugar? E a gente ceiou mais cedo, e agora, nada?

— Descansem que ha lugar!...

— Mas aonde?

— Aqui! — respondeu o Vigário designando a praça.

— Aqui, sr. Vigário!... murmurou o sacristão. Não tem medo que...

— Nunca se deve ter medo.

* * *

Com efeito... algumas ordens... um apelo a alguns braços de boa vontade, o aparelho sai da sala, com o estrado, o ecran é colocado à devida distancia, a multidão vai e vem, ajuda com boa vontade, cheia de curioso interesse.

— O sr. Vigário entende disto! Não o perdem de vista, quando arranja a luz, gradua, avança, até ficar nas condições devidas.

— Atenção! vai começar!

Aparece um distico: **O Vigário deseja as boas noites aos seus paroquianos.**

Todos riem, bem dispostos.

— E nós também, sr. Vigário. Muito boas noites!...

* * *

Aparecem em seguida as fotografias da última exposição de horticultura, belas uvas, maçãs enormes, ótimas peras, limões, etc. Os camponeses entusiasmam-se, batem nos joelhos:

— Ora vejam aqueles limões!...

Ó Antônio, daqueles não tens tu, no quintal! Que bicho é aquele?...

— É o bicho das macieiras, disse o Vigário. Foi um religioso que o estudou. Vejam agora este. É a filoxera!...

Todos: Oh!...

Pode a noite arrefecer e o vento soprar, que ninguem dá por isso, — pescoço estendido e olhos abertos.

— Então isto é que é a filoxera? Hein?... A desgraça das nossas vinhas! Repara, ó Leon-tina!

Ha murmúrios, exclamações durante um instante... Os rapazitos gritam... Mas, de repente, o silêncio torna-se absoluto.

Já não se trata duma projeção rigida, fixa... O ecran animou-se e sobre a tela branca vivem as personagens.

— O qué é isto agora?

* * *

É a história dum Desconhecido, para aquela aldeia, um Desconhecido que se chama Cristo.

Aparte algumas velhas devotas, quasi só O conhecem pelos ditos estúpidos do dono do café, ou pelas palavras desdenhosas do professor.

E olham... Como vai longe, tudo aquilo! Parece que, pouco a pouco, os ecos de outrora despertam nas almas... Eis o deserto que se torna mais quente, mais poético, na friagem da noite. As pirâmides, a esfinge... A Virgem aperta contra o peito o Menino Jesús e dorme entre as patas do monstro... Ali perto, José repousa, na areia, junto do lume da fogueira, cujo fumo sobe a prumo, no ar, que nenhum sopro agita...

Depois, mais tarde, eis Cristo ensinando as multidões: **Bemaventurados os pobres!... Amai-vos uns aos outros!... A Paixão** Um grito



CURITIBA — Seminário Maior dos Missionários Claretianos

abafado se eleva, quando o servo esbofeteia o Salvador...

Murmúrios, à vista da flagelação, que faz correr o sangue dos seus ombros... Um silêncio doloroso, no momento da morte... Aplausos, quando acima das perseguições, de todos os séculos, vitoriosa, apesar de tudo, se ergue a cruz num céu de glória: Stat Crux!...

* * *

Faz frio?... Que horas são?

Quanto tempo durou a sessão de cinema?

Perguntas a que ninguém saberia responder. Depois, pelos carreiros, pelas ruas monótonas, através dos campos gelados, onde se ouve apenas o pio de alguma ave noturna, os entes humanos seguem, com os olhos cheios duma visão nova...

As mulheres dizem:

— Hein!... E esta idéia do nosso Vigário?

As moças confessam que choraram, e no fundo das suas almas obscuras, os camponeses ouvem alguma coisa, como que a voz longínqua do Centurião:

— Este era verdadeiramente o filho de Deus!

(Traduzido do francês).

Pierre L'Ermite

*

Dúvida

— Mamãe, o que é o centauro?

— Um bicho, metade homem e metade cavalo.

— Ah! E onde dorme, na cama ou na estrebaria?

UM SÁBIO SINGULAR

O sábio — era francês — meteu-se ao deserto da Arábia em exploração científica e levou por guia um maometano. Ia-se o sol a pôr e o maometano estendeu na areia o manto e, prostrado sobre êle, recitou as orações na sua lei preceituadas.

Ao findar, o sábio riu, escarninho:

— Que estiveste aí a fazer?

— A louvar Allá.

— Ora! Ora! alguma vez os teus olhos viram a Deus, ou os teus ouvidos o ouviram ou o apalpaste com tuas mãos?

— Não, senhor.

— E ainda acreditas num Deus que não viste, nem ouviste, nem tocaste? Muito tolo és.

O árabe calou-se a esperar ocasião de responder. E chegou ela na manhã seguinte.

À volta da tenda onde dormiram a noite, viu o sábio com terror pegadas de leão, bem claras na areia.

— Olha, o leão andou a rondar-nos!...

— O senhor viu-o?

— Não, homem.

— Ouvia-o rugir ou tocou-o com as mãos?

— Hom'essa! Era o que faltava!

— Pois o senhor salu-me um sábio muito singular! Acredita que andou por aqui o leão que não viu, nem ouviu, nem apalpou.

— Mas estão aqui na areia as pegadas dele. O árabe sorriu. No oriente erguia-se o sol jucundo, triunfante.

— Uma pegada do Deus onipotente — apontou o árabe — a dizer-nos que existe e nos ronda. E prostrado — era a hora ritual — orou de novo a Allá.

Dia das Missões

Apêlo de S. Excia.

Mons. Celso Constantini

VINCE IN BONO MALUM.

(Rom. XII-21.)

NO jardim de uma residência de irmãs religiosas, na China, caiu, certo dia, uma bomba. O bispo logo acorreu e achou a irmã superiora a olhar para o buraco aberto pela explosão.

— Houve mortos?

— Não.

— Teve medo?

— Excelência, respondeu a irmã, eu não tive medo. Quem o teve foi o corpo.

Admirável resposta! O espírito, a alma dos missionários não tem medo. Supera e domina as ansiedades e as dôres dos dias tremendos de hoje. O corpo, porém, não deixa de sofrer. Vêm, assim, à mente as palavras que Jesus Cristo pronunciou no horto de Getsemani: O espírito está pronto, mas a carne se acha enferma.

Nestes tempos, para mais de 30 missionários e uma irmã tombaram, quais sentinelas avançadas da Fé, em diversos lugares. De uma feita, 18 desapareceram, a um tempo, devido ao torpedeamento de um navio.

Outros missionários, às centenas, em todo o vasto campo das Missões, ou se encontram internados, ou presos, ou transportados continuamente de um lugar para outro, sofrendo não só as torturas do corpo mas — o que mais os angustia — o abandono dos trabalhos apostólicos.

Inclinamo-nos diante do sacrifício dêsses arautos da Fé, oferecendo-lhes a homenagem de nosso amor, de nossa admiração, das nossas orações.

Ouvi com quanto ânimo fala o superior dos Padres do Verbo Divino a respeito dos seus 18 missionários desaparecidos no fundo do mar: "Nossos corações estão cheios de tristeza pelos confrades que pereceram de um modo trágico. Não estamos, porém, abatidos. Conforta-nos a palavra do Salvador que assemelhou os missionários ao grão de trigo que deve ser dissolvido afim de produzir muitos frutos. Procuraremos, assim, compensar, com maior zêlo, as perdas sofridas por êstes Padres que estavam, na maioria, em plena flor dos anos".

Esse é o sentimento de todos os superiores de institutos missionários. As casas matrizes estão cheias de jovens que esperam, impacientes, pelo fim das hostilidades afim de partir em demanda dos campos de apostolado, preenchendo e superando os claros deixados pelos que tombaram.

O Conselho Superior das Pontifícias Obras Missionárias, reunido em 11 de Maio para a repartição e distribuição dos subsídios, verificou que, não obstante a guerra, a soma reco-



lhida durante o presente exercício supera perto de 10 milhões de libras a importância alcançada no ano findo. Estupenda caridade do mundo católico, que faz lembrar as palavras de São Paulo: "Vince in bono malum" (Rom. XII, 21), vence o mal pelo bem. Vencem as obras do ódio com as obras do amor.

A Sagrada Congregação de Propaganda Fide e o Conselho Superior da Propagação da Fé agradecem vivamente a todos os católicos do mundo pelas orações feitas e pela incomparável generosidade que demonstraram, invocando as mais preciosas bênçãos de Deus aos seus benfeitores.

Dirigem-se, ainda, ao coração dêsses mesmos católicos afim de fazer face às crescentes e imperiosas necessidades das Missões. Assim escreve um Bispo missionário: "...sou tanto mais agradecido pelo subsídio recebido quanto mais avalio as enormes dificuldades que impedem a coleta das esmolas. Isso é, sem dúvida, um grande encorajamento para os missionários que não se vêm esquecidos, não obstante os tempos difíceis de hoje. Ainda assim, tomo a liberdade de afirmar que o subsídio enviado é absolutamente insuficiente, porquanto não chega, nem de longe, a cobrir as altas de preço e as taxas de guerra. Isso quer dizer que, das remessas, nada resta para as obras missionárias que, no entanto, devem prosseguir, e para a reforma urgente das igrejas, capelas, escolas e residências destruídas, queimadas ou

18 DE OUTUBRO

Dia das Missões

saqueadas nos distritos de Missões, que se tornaram, de fato, campo ordinário de batalha.

É doloroso receber continuamente cartas dos missionários que estão, constantemente, expostos ao perigo da vida e que passam os dias entre os canhoneios e os bombardeios aéreos, e que outra coisa não têm para assinalar senão novas destruições e novos danos.

Vamos, pois, para a frente, confiando no Senhor, mas sinto, outrossim, que devo recomendar continuamente esta pobre missão, tão atribulada e tão provada."

De todas as missões chegam apelos semelhantes.

Ouví, irmãos, a voz angustiosa dos missionários. Uní-vos às ânsias e às orações deles. Sede, como sempre, generosos. Podeis, também, dar vosso óbolo com a intenção de sufragar alguma alma querida. O Santo Padre, Vigário de Cristo na terra, apela para vosso coração, pedindo-vos orações pela restauração da paz dentro da justiça e da caridade, solicitando vocações e ajuda para a dilatação do reino de Deus em todo o mundo.

Dai vosso óbolo aos missionários como o darieis a Jesús Cristo, que nos faz sentir os gemidos de seu Coração adorável: Tenho outras ovelhas que não são deste redil e é necessário trazê-las a mim também, afim de que haja um só rebanho e um só Pastor".

Roma, Agsto de 1942.

VELHOS E RAPAZES CÉLEBRES

Sócrates, o grande filósofo, era já velho quando se deu a aprender a tocar instrumentos musicais. Catão, o censor, aos 80 anos começou a estudar grego. Plutarco, o autor da "Vida dos homens ilustres", passava dos 70 anos quando se meteu ao latim. Ogilby que traduziu para inglês Homero e Virgílio, aos 50 anos não sabia patavina de latim e grego. E com trabalho perseverante foi um dos bons tradutores das línguas clássicas. Benjamin Franklin, o inventor do pára-raios, só depois dos 50 anos se entregou a investigações científicas. Dryden tinha 68 anos quando se pôs a traduzir em verso a Eneida de Vergílio.

Dante tinha 9 anos quando compôs o primeiro soneto; Tasso já versejava aos 10 anos; Byron, aos 12; Calderon aos 13; Vitor Hugo foi premiado pela Academia dos "jogos Florais de Toulouse" aos 14 anos; Meyerbeer aos 6 anos já dava sessões públicas de piano; Rafael começou a pintar aos 7 anos; Claude Vernet já era bom pintor aos 7 anos; Mirabeau aos 11 anos escreveu um livro; Haendel aos 13 compôs uma missa; a primeira obra de Weber representou-se quando tinha ele 14 anos; Pascal aos 13 anos já resolvera as 32 proposições de Euclides; Mozart aos 3 anos já se sentava ao piano; aos 7 dava concertos públicos e compunha músicas.



VILA TIBÉRIO (Ribeirão Preto) — Cruzada Eucarística "Coração de Maria", dos Missionários Claretianos.

DEVER RENOVADO

O mandato do Mestre aos seus discípulos continua.

Nesta hora em que a noite do paganismo volta a ensombrar o mundo, o que notamos? Desabam de novo sobre a humanidade as tormentas que sempre, ontem como agora, são a consequência dos erros dos homens e da infidelidade do seu espírito ao espírito da Verdade. É lei da história.

Mas é lei de Deus, é mandato sempre atualizado que, para oporem barreiras à luta dos perseguidores da Verdade, para enfrentarem esse paganismo que ameaça tudo subverter, cabe aos verdadeiros cristãos o recomeçarem a sementeira do Evangelho, como foi dever imposto aos primeiros encarregados de ensinar ao mundo a palavra do Mestre.

Durará muito tempo, pouco tempo a tempestade? Não importa isso aos que em seu coração sintam as responsabilidades da sua fé e até do seu dever social, como cristãos.

A vitória da Verdade está assegurada. Não nos é assegurado, por igual, que a vejamos triunfar nas inteligências e nos costumes dos homens; apenas o imperativo apostólico nos é imposto pelo mandato do Senhor em face da renovação do ataque das forças do mal, de todos os erros ideológicos, contra o espírito do Evangelho.

E é-nos mandado também que da nossa luta façamos trincheira o terreno da opinião e o da nossa vida integral. É nas inteligências, nos costumes, nos conceitos da vida que o erro e a baixeza pagã pretendem reinar e impor-se como realidades dominadoras.

Só a Verdade cristã, mas a Verdade vivida na vida real, reguladora total da nossa atividade, pode restituir ao mundo a verdadeira paz e liberdade.

É certo, infelizmente, que a mentalidade integralmente cristã, a Verdade católica em toda a sua pureza e inteireza, são privilégio de raros, mesmo em países que, a despeito da sua tradição católica, se não ressarciram ainda da infiltração danosa de um século de liberalismo perverso; e até continua a ser feita à margem dela a formação intelectual de muitos elementos das camadas sociais que se teem por capazes de dirigir.

A Verdade não é conhecida e é por poucos servida.

Tantas idéias que se supõem católicas não passam de puras aberrações da doutrina da Igreja. Tantos que se apregoam sequazes desta não a exemplificam, não informam dela a sua inteligência e a sua atividade individual, na família e na vida de relações. Nesse mundo de realidades pagãs não bastam afirmações exaltadoras do prestígio dos "valores espirituais"; é mister opor-lhes realidades cristãs, a Verdade vivida, encarnada no sacrifício e na intransigência constante, de todas as horas, com as investidas da nova idolatria pagã.

A nova cristandade restauradora da civilização cristã numa sociedade que a repele, ou pretende acomodá-la com o culto de todos os erros e malversões do pensamento e dos costumes sociais, tem de ser fundada, como a de há vinte séculos, na adesão plena do espírito e da vontade aos preceitos da vida integral cristã que, só ela, pode ser fermento da renovação promissora.

Tal é o dever da hora presente. Se o soubermos cumprir, confiemos abertamente em melhores dias.

A Verdade é, para todos os que a vivem e lhe rendem culto sincero, a companheira inseparável da esperança.

SÁBIAS RESPOSTAS

Um sofista, querendo embaraçar Tales de Mileto, lhe fez perguntas capciosas a que ele respondeu de improviso com todo o laconismo e com a maior prontidão.

Qual é a mais antiga das coisas? — É Deus, porque sempre existiu.

Qual é a mais bela? — É o mundo por ser obra de Deus.

Qual é a maior? — O espaço por conter tudo quanto foi criado.

Qual é a mais constante? — A esperança por ser o que unicamente possui o homem quando tudo tem perdido.

Qual é a melhor? — A virtude, porque sem ela nada há de bom.

Qual é a mais leve? — O pensamento que num momento chega à extremidade do universo.

Qual é a mais forte? — A necessidade que aponta todos os acidentes da nossa vida.

Qual é a mais fácil? — É dar conselhos.

Qual é a mais difícil? — É conhecer-se a si próprio.

Qual é a mais sábia? — É o tempo pois nos ensina a sabedoria.



A RIVAL



AURA era feliz. Nunca a menor sombra viera, até então, emapanar o brilho daquele lar onde ela e Roberto viam desenrolar-se os dias em alegria comunicativa.

O tempo passava. E ao cabo de oito anos Laura e o marido ainda se olhavam enlevados, como no princípio do seu noivado. Um dia, porém, a suspeita tocou o coração de Laura. Tinha encontrado nessa manhã de primavera alegre e florida, a sua amiga de infância Marieta. E a moça, após os cumprimentos do estilo, dirigira-lhe esta pergunta, na aparência inocente:

— Então, Laura, gostaste das rosas vermelhas que o teu marido ontem te levou?

Fez-se uma pausa. Laura não respondeu de pronto. De resto, o que poderia ela dizer, se na verdade Roberto não lhe levara nenhuma flor?...

— Não dizes nada?! Compreendo. A tua casa é autêntico jardim e, por isso, nem te lembrás das rosas a que me refiro.

E sem transição:

— Pois a florista Paulina ainda hoje me disse: "Se todos os maridos da capital fossem tão gentis como o sr. Roberto, eu e as minhas colegas tínhamos a fortuna assegurada.

— Onde encontraste o meu marido? — interrogou Laura, com simulada indiferença.

— Numa camioneta de Queluz. Mas, olhava tão atento as rosas vermelhas que acabara de comprar à Paulina que nem notou a minha presença. Entretanto, eu observava-o e ria intimamente. E durante segundos tentei perscrutar os pensamentos que o agitavam.

— E a que conclusões chegaste?

— O exame foi rápido. Todavia, como o ar do teu marido era melancólico, acreditei que ele pensava, talvez, na pouca estabilidade da vida humana, ou melhor, da juventude. E devia ser essa — de certo, a causa da depressão moral que as suas feições exprimiam.

— Tudo é possível... O Roberto é um sonhador... — tornou Laura num laconismo que traía o estado do seu espírito.

.....

Ao voltar para casa, o primeiro pensamento de Laura foi reclamar do marido uma explicação. Mas não ousou. Interrogá-lo, não constituiria, para Roberto, autêntica injúria, se de fato não houvesse motivo de censura? E, se pelo contrário, ele fosse culpado duma infidelidade ligeira, para que perguntas inúteis, que a ambos aborreceriam?... Demais, ele havia de defender-se e, portanto, o melhor seria guardar silêncio, se bem que, discretamente, o espiasse.

A idéia de que Roberto tinha comprado flores que não lhe destinara tornara-se-lhe,

porém, numa obsessão. E Laura sofria a tortura do ciúme.

Roberto, surpreendido pelo ar ausente que notava na mulher, convidou-a a consultar um médico.

Laura não aceitou o conselho do marido, mas, ante aquele interesse, não pôde deixar de se felicitar, pois, segundo a sua opinião, isso mostrava-lhe a sua preponderância no coração de Roberto.

E rápida como um relâmpago atravessou-lhe o espírito a idéia de confessar-lhe as suspeitas que tanto a atormentavam. Mas, ainda desta vez guardou silêncio...

Até que, não podendo suportar mais a situação falsa em que se encontrava, resolveu dirigir-se ao estabelecimento da florista Paulina. Queria sondar essa mulher.

.....

— V. excia. é a senhora que mais flores recebe... o sr. Roberto é um bom cliente. Vem aqui todas as semanas... Ainda ontem levou um ramo de junquinhos igual a êste.

E a florista apontava um ramo de graciosas e odoríferas flores.

Laura estremecera. Estava prestes a trair-se. A certeza duma rival impunha-se-lhe. Roberto, de fato, comprava flores que não levava para casa! Portanto, a sua infidelidade confirmava-se! Os raminhos que, uma vez por outra, lhe oferecia, eram insignificantes, não tendo comparação com êsses belos junquinhos ou com as rosas vermelhas que a amiga citara!

.....

Sentada ao fundo do taxi, Laura espiava o marido. Sentira o coração bater mais apressado ao ver Roberto entrar no estabelecimento da florista, para, decorridos momentos, sair segurando um soberbo ramo de rosas e de cravos. Em seguida, vira-o tomar um taxi, tendo indicado ao motorista a direção, que ela não pudera ouvir.

— Ah — pensava Laura —, a minha rival habita longe! Agora compreendo porque êle tanta vez chega atrasado ao jantar!

E Laura, trêmula e agitada, seguia o marido, oculta no taxi que ia rolando pela estrada alcatroada.

Cêdo, porém, tôdas as suspeitas instaladas no seu coração moço desapareceram. Ao chegar à certa altura, Roberto descera do taxi e, com ar sombrio, tomara a direção do cemitério. Era à cidade dos mortos que o marido se dirigia. E ali, junto da campa da sua primeira mulher, morta num acidente de estrada de ferro dez anos antes do seu segundo casamento, Roberto, descobrindo-se, ajoelhara, rezando baixo uma prece pela alma da desapa-

recida. Depois, erguera-se, prendendo as flores à cruz, num gesto automático. Em seguida, afastara-se em passo lento.

Laura, sorrindo docemente, estava dominada pela comoção. Não supunha que, decorridos dez anos sobre o passamento dessa que fôra o primeiro amor de Roberto, êle não a tivesse ainda esquecido.

E num vago temor, de que não sabia defender-se, perguntava a si mesma se não seria mais fácil triunfar duma rival viva do que duma que a saudade não cessava de apresentar-lhe ao espírito e ao coração.

Mas, cedendo à idéia mais coerente, guardou silêncio. E, agradecendo ao Céu a graça que lhe fizera ao dar-lhe para companheiro na vida um homem de coração tão firme, ouviu a razão advertí-la de que não devia envenenar a sua felicidade por pensamentos menos sensatos. E num sorriso de orgulho, encontrou mais um motivo com que pôde engrandecer a seus olhos a figura moral do marido.



Ouvido atento

Lokman, o notável conterrâneo do grande Omar Kaiiam, escreveu, com sucesso, o apólogo de "O cão do ferreiro".

— "Um ferreiro tinha um cão, que, enquanto o dono trabalhava, dormia a sono solto; logo, porém, que êle largava o malho para se pôr à mesa com os companheiros, o cão acordava.

O ferreiro disse-lhe um dia:

— Grande vadio! Como é que tû não acordas com o barulho do martelo na bigorna e ouves o dos queixos?"

Da cozinha --- para a mesa

COROA DE LEGUMES

Cozinhe em água, sal e uma colher de açúcar, vagens, cenouras e batatas doces e inglesas partidas em pedacinhos. Depois escorra a água, junte uma lata de petit-pois, uma colher de manteiga e despeje numa forma em forma de coroa, grande, bem untada de manteiga e polvilhada de pó de pão. Bata três ovos (as claras primeiro), despeje sobre os legumes e leve a assar no forno. Pronto, desenforme num prato redondo e encha o centro com um picado de carne, um refogado de galinha, de camarões, de peixe ou de bacalhau, à vontade.



Um pouquinho de sal no melão torna-o de mais fácil digestão.



Dona Econômica pergunta como fazer para temperar um feijão apetitoso sem carne seca, lombo e toucinho. Faça o seguinte: ponha numa frigideira um pouco de banha e conforme a quantidade do feijão dois ou três dentes de alho esmagados e duas ou três rodélas de cebola. Quando tudo estiver dourado tire do feijão uma concha com mais caldo que caroço e ponha nesse refogado que ficará a ferver por uns 5 minutos. Em seguida passa-se na peneira amassando feijões e temperos.

O gosto passará ao feijão que já levou sal e não se verá o tempero. Fica delicioso si levar um fio comprido de azeite, isso para quem goste desse ingrediente.



CAÇADORES . . .

— Afinal, que é que vai comprar como caça, hoje?



* **REALIZOU-SE, NO PALÁCIO DO CATETE** uma cerimônia de grande expressão pelo seu espírito de panamericanismo.

Os governos de Cuba, Guatemala e República Dominicana condecoraram com suas mais altas comendas, e atendendo aos serviços prestados à causa da América, o Chefe do Governo Brasileiro.

Os representantes desses países fizeram entrega dessas dignidades ao Presidente Getúlio Vargas em solenidade que teve a presença dos srs. Osvaldo Aranha, Ministro das Relações Exteriores; J. R. Macedo Soares e comandantes Angelo Nolasco e Isac Cunha.

O ministro Manuel Arroyo, da Guatemala, entregando as insignias da "Ordem del Quetzol" acentuou a satisfação do seu governo em condecorar o Presidente Getúlio Vargas, estadista que por todos os títulos se impuzera no conceito das nações americanas. Antigo diplomata, servindo junto ao governo do Brasil ha anos, aqui se radicara, podendo dar um testemunho vivo do apreço que os brasileiros têm pela sua terra e pelo chefe do seu governo.

O ministro Gabriel Landa, de Cuba, entregou após a comenda da "Orden Nacional do Mérito Carlos Manuel de Cespedes".

Por último o sr. Gilberto Sanchez Lustrino, ministro de São Domingos, passou às mãos do Chefe do Governo as insignias da "Orden Juan Pablo Duarte".

O Chefe do Governo agradeceu a todos as provas de apreço que acabava de receber.

* **A ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS** compareceu incorporada ao Palácio do Catete para apresentar ao Presidente Getúlio Vargas a manifestação de sua solidariedade. Recebendo no salão de despachos seus colegas acadêmicos, o Presidente Getúlio Vargas saudou, um a um, com efusiva manifestação de apreço e simpatia. O embaixador J. C. de Macedo Soares, fazendo uma pausa na palestra, proferiu as seguintes palavras: "Aqui estamos, não ao lado do nosso confrade ilustre, mas em torno do eminente Chefe da Nação, para dizer-lhe que a Academia Brasileira de Letras e cada um dos seus membros querem e podem servir à Pátria no setor da inteligência e da cultura. O Chefe do Governo, que nos merece integral confiança, pode contar cem por cento, com a Academia Brasileira de Letras e distribuir aos seus membros as missões que entender necessárias".

O Presidente Getúlio Vargas, agradecendo a visita, enalteceu a colaboração de todos.

* **SEGUNDO ESTATÍSTICAS RECENTES** o número de hospitais católicos no mundo é de 15.700; o de asilos, 13.400; o de dispensários, 93.300; o de obras católicas de assistência a domicílios, 140.000.

Religiosas em número de 350.000, 32.000 religiosos e 770.000 seculares de ambos os sexos entre profissionais e ajudantes atendem as Obras de Beneficência católica em número de 265.400.

* **SEGUNDO COMUNICAÇÃO** recebida pela Divisão de Cooperação Intelectual e pelo Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos, está obtendo extraordinário êxito o curso de língua e literatura brasileira que, a cargo do prof. Albino Peixoto Júnior, se vem realizando no Instituto Uruguaio-Brasileiro de Montevideo.

Também o Colégio Livre de Estudos Brasileiros, em Buenos Aires, acaba de criar um curso de "Estudos Brasileiros", que será inaugurado em outubro próximo.

A Universidade Nacional do México, por seu turno, realizou, com grande êxito, um curso de língua portuguesa e literatura brasileira pretendendo, ainda, o governo mexicano instalar um Centro de Estudos Brasileiros na Universidade Nacional do México.

* **NUMEROSAS FIRMAS PARANAENSES**, prontificando-se a colaborar incondicionalmente na defesa do Brasil, puzeram à disposição das autoridades as suas fábricas e indústrias.

* **O MAJOR ALENCASTRO GUIMARÃES** designou uma comissão para organizar o contrato a ser assinado pela Central com as firmas "Pullman Standard Carr Export Corporation" e "American Carr and Export Co.", de Nova York, para o fornecimento de 49 carros de aço destinados ao serviço de passageiros.

* **DESTINADAS À E. F. CENTRAL DO BRASIL** acabam de chegar ao Rio de Janeiro, 20.000 toneladas de carvão de pedra de Cardiff.

* **O SR. PRESIDENTE DA REPÚBLICA** continua recebendo de todo o país as mais inequívocas demonstrações de solidariedade em face do estado de beligerância que nos foi imposto. A contribuição popular para o esforço de guerra do Brasil vem avultando com o oferecimento de invenções de aparelhos, máquinas, engenhos bélicos os mais variados, com que o povo quer contribuir para a defesa do país. São bombas de alto poder explosivo, torpedos de retardamento, dispositivos de defesa para navios ou aviões, novos fuzis e novas metralhadoras-portateis.

* **A IMPRENSA FRANCESA** noticia que o Instituto Pasteur descobriu uma nova vacina, de aplicação fácil e plena eficiência contra a febre amarela. Os cientistas daquela organização afirmam ser perfeita a ação imunizadora da vacina, enquanto os riscos da aplicação são praticamente nulos.

* **EM RHONE RIVE U. S.** foi erigida a maior estátua do mundo entre as dedicadas a honrar a Santíssima Virgem. Mede 35,50 metros de alto e o pedestal 100 metros.

* **A FAMOSA ESCRITORA** e poetisa italiana, Ana Vivanti converteu-se ao catolicismo, abandonando a seita protestante em que tinha nascido.

Biblioteca amena da "AVE MARIA" (45)



E, dizendo isto, saiu com passo lento. Quando a última dobra do tosco hábito do capuchinho desapareceu na porta, uma voz afogada exclamava:

— Padre Salvador! Padre Salvador! Voltai... que eu vos obedeço!

A mulher religiosa havia triunfado de suas paixões; a católica pisava a cerviz da serpente!

Com esta exclamação, havia a marquesa deixado cair aquela fronte altaneira sobre suas mãos e uma torrente de lágrimas encheu por fim aqueles secos olhos.

O Padre Salvador tornou a entrar.

— Filha! — disse êle à aflita mãe, com voz profundamente comovida. — Nisto ha mais meritos que em um ano de vida ascética e perfeita!

No dia seguinte, Carlos, absolvido, saia de Sevilha, sacrificando com violenta dôr sua felicidade presente, porém firme em suas esperanças para o futuro.

CAPÍTULO XV

Um mês depois dos sucessos que acabamos de referir, reinava no quarto de Elia — que havia bem pouco tempo parecia um santuário de flores, cantos e alegria — um profundo silêncio. As cortinas estavam cuidadosamente corridas nas janelas, para interceptar a luz do dia. O perfume dos nardos e jasmims fôra substituído pelo cheiro que desprenhia a alfazema a arder com assucar; perfumes, fitas e flores cederam o lugar, no toucador, aos xaropes, às pilulas e às receitas. A Virgem da Esperança, advogada predileta da Assistente, e Sto. Antônio, santo da devoção de Maria, tinham sido colocados à cabeceira da cama. Sobre a comoda, sobresaia um lindo Crucifixo e diante dele ardia uma vela benta; sob as almofadas da cama, branca como a açucena, apareciam os cordões de seda carmesim e ouro de uma bolsinha com reliquias, que haviam sido enviadas pelas freiras. Enfim, observava-se alí todo êsse aparato católico, que o desgraçado, a quem

falta a fé, olha sem acreditar que alente no perigo, sustenha na dor e dulcifique a morte.

À cabeceira da mencionada cama estava assentada a Assistente; em frente a esta e aos pés do leito, D. Benigno, que, alternativamente e cheio de solicitude, fixava os olhos ora na enferma, ora em sua senhora, cujo semblante abatido manifestava bem suas vigílias e cuidados. Do outro lado da cama estava Maria, sentada em uma cadeira baixa e tendo na mão um grande leque para afugentar qualquer mosquito que se aproximasse do lugar onde Elia repousava.

Esta jazia imóvel. As brilhantes côres da saúde e da mocidade haviam desaparecido de seu semblante e, a certa distância, podia-se confundir a adormecida menina com os brancos lençóis onde repousava, si seus cabelos não estivessem limitando o contôrno da pura fronte. Caia aquele, repartido em duas grossas tranças, aos lados da face, parecendo assim, a uma imaginação supersticiosa, os negros braços da morte atraindo uma prêsa inerte.

Êste grupo que descrevemos estava cheio de profundo interêsse, formando contraposição com os que costumamos imaginar para nosso consôlo, nos quais os anjos compassivos são os que velam sobre as misérias da humanidade, ao passo que, no que pintamos, o anjo era custodiado por três seres que dariam a própria vida pela saúde da jovem enferma.

— Êste é o sono maior e mais tranquilo que tem tido — disse, em voz baixa, a Assistente.

— É verdade — respondeu D. Benigno, consultando seu enorme relógio. — Quarenta e três minutos e meio.

— Pudéra! Pois hoje é dia de Sto. Antônio! — exclamou Maria, estendendo as mãos abertas para a imagem do Santo, com veemente gesto de gratidão.

Depois de alguns minutos de silêncio, disse a Assistente, como si o que dizia fosse o fruto de suas reflexões anteriores:

— Carlos partiu, segundo me disseram, e nem sequer veio despedir-se de mim, e muito menos de minha pobre menina, a quem mostrava querer tanto!... Nem do senhor, D. Benigno, que tanta paciência tinha com êle! Quem havia de supor semelhante gesto! Só Fernando se dignou vir, desculpando muito mal a seu irmão, com a pressa de sua saída...

(Continua)

NOVA

MINI



(É proibida a reprodução desta página)



CRISTOVÃO COLOMBO

Papai estava na varanda lendo o jornal e o Joãozinho aproveitou a ocasião para pedir:

— Paizinho: quer me ajudar um pouco?

— Do que se trata, meu filho?

— É que amanhã a professora vai fazer uma sabatina. Temos que escrever sobre a vida de Cristovão Colombo.

Papai dobrou o jornal, acendeu um cigarro e, enquanto a fumaça subia em espirais, foi dizendo:

— Você sabe, meu filho, que Cristovão Colombo foi um grande navegador?

— Sei, papai. E sei também que ele nasceu em Genova, uma cidade da Itália.

— Justamente. Era um humilde tecelão que, mais tarde, se transformou num negociante de livros. Muito estudioso e inteligente, Colombo, convencido da redondeza da terra, sonhou alcançar as Índias, navegando sempre pelo ocidente. E resolvido a realizar a viagem que imaginara, pediu à sua pátria um auxílio para tão grande e arrojado empreendimento. Porém, zombaram dele e o chamaram de louco. Cristovão Colombo não desanimou. Foi a Portugal e pediu ao rei que patrocinasse sua viagem. Mas em vão. Ninguém o atendeu. Sem esmorecer, Colombo foi à Espanha e de lá, depois de longos anos de espera e ansiedade, logrou arranjar o apoio de Isabel, a católica. E foi assim que, com três pequenas caravelas, Santa Maria, Pinta e Niña, partiu o grande navegador de Palos de Moguer, porto de Huelva, na Espanha, em 3 de Agosto de 1492. Depois de uma viagem acidentada, na madrugada do dia 12 de Outubro do mesmo ano, deslumbrado, avistou terra. Já a tripulação, composta na sua quase totalidade de sentenciados, se revoltara e chegara a exigir que Colombo

retrocedesse, pois os viveres escasseavam... Foi preciso que o navegador usasse de toda sua calma e energia, para que não fosse destruído seu grande sonho.

— E que terra era essa, papai?

— Era a ilhazinha de Guanaani, uma das Lucaias, que recebeu o nome de São Salvador. Depois, Colombo descobriu as ilhas de Cuba e Haiti, a que deu o nome de Hispaniôla, e voltou à Espanha, onde foi recebido em triunfo.

— E ele tornou a viajar?

— Sim. Ele voltou e descobriu algumas ilhas das Antilhas; foi à Haiti, onde seu irmão fundou São Domingos. Explorou as costas da Jamaica e Pôrto Rico.

— E depois?

— Colombo empreendeu outra viagem, costeando a América meridional, desde o Orenóco até Caracas. Aconteceu, então, que um homem chamado Francisco Bobadilha, comendador de Calatrava, encarregado pelos reis da Espanha de restabelecer a ordem em Haiti, invejoso da fama do grande genovês, mandou prendê-lo sob falsas acusações e o enviou, acorrentado e preso, ao seu rei. Porém, tudo se descobriu, e Colombo foi imediatamente libertado, enquanto Bobadilha era demitido. Colombo ainda teve ânimo para empreender nova viagem. Dessa vez, descobriu as costas americanas de Honduras ao Panamá. Voltou, então, já velho e alquebrado, à Espanha, onde já não mais encontrou sua grande protetora, a rainha Isabel, morta em 1504. Dois anos mais tarde, esquecido e desgostoso, morria também Cristovão Colombo, num convento de Valladolid. Eis aí, meu filho, em resumo, a vida do grande genovês.

— Muito obrigado, papai. Acho que amanhã vou tirar uma boa nota. Escreverei tudo direitinho. O senhor verá...

E Joãozinho, muito satisfeito, foi olhar mais uma vez, no seu livro de leitura, a figura simpática e ativa do grande navegador.

Regina Melillo de Souza



Mal entendido

Indo certo aldeão batizar à igreja da sua freguezia um filho, lhe pergunta o pároco ao lavar o assento:

— A criança é do sexo feminino ou masculino?

E o aldeão respondeu:

— Oh, sr. Vigário, a criança nem se chama Felismino nem Marcolino: é Sebastião, o nome do pai.



Fábrica de Présepios
de Terra Cota

Pedro Formagio

RUA GUAIAUNA, 230

(Fim da Avenida Celso Garcia)

SÃO PAULO

Peça lista de preços

DR. J. DE CAMARGO BARROS

MOLÉSTIAS INTERNAS

Consultório:

R. Barão de Itapetininga, 50
Sala 320 — Das 16 às 18 hs.

Tel. 4-7357

Harmoniuns

Marcas MAMBORG e BOHN, desde 1:300\$000

Pianos "GEBR. SCHMOLZ"

Com todas as garantias, por 10 anos; preferidos nos melhores colégios por sua resistência e sonoridade. Referências nesta Revista.

Vende-se com FACILIDADE de pagamentos. Peçam catalogos à CASA MANON, distribuidores.

MÉTODOS e MÚSICAS com descontos especiais para colégios.

Casa Manon

Rua Boa Vista, 162 - Caixa Postal, 568 - São Paulo

VIDROS E VITRAIS

Galliano & Comp.

IMPORTADORES

S
A
O
P
A
U
L
O

VIDROS PARA VIDRAÇAS EM GERAL

VITRAIS ARTÍSTICOS PARA
RESIDÊNCIAS E IGREJAS

"CALOREX", VIDRO QUE INTERCEPTA
80 % DO CALOR

RUA LIBERDADE, 590 — FONE: 7-0544

Vinho para consagrar "Cruzeiro"

Rumos. Srs. Sacerdotes!

Peçam Vinho para consagrar marca "CRUZEIRO".

Aprovado pelos Exmos. Srs. D. Antônio Reis, Bispo de Santa Maria, D. Hermeto, Bispo de Uruguaiana, e D. José Tupinambá da Frota, Bispo de Sobral.

Usado ha mais de 10 anos na Catedral Metropolitana de Pôrto Alegre.

PRODUTORES:

LUIZ MICHIELON & CIA.

Séde em PÔRTO ALEGRE:

Rua da Conceição n.º 422

Caixa Postal, 514

End. tel. "MIMO"

Seção Agrícola e Industrial em
CAXIAS

ARROZINA

DEPOSITARIOS
E FABRICANTES
PEDRO BAIBACARDI
& IRMÃOS
RUA MARQUES DE SÃO PAULO, 124
SÃO PAULO

*Alimento
ideal para crianças*

O delicioso
creme de
cereais

ARROZINA

Cria os bebês
robustos

ARROZINA

Dá saúde e
beleza aos
bebês

ARROZINA

Engorda e
nutre os
bebês

Hemorroidas

TRATAMENTO SEM
OPERAÇÃO

DR. CESAR GIRARD JACOB

Da Santa Casa — Clinica especializada das doenças do aparelho digestivo — Cclites — Prisão de ventre — Fístulas — Fissuras — etc.

R. 7 DE ABRIL, 176 - 3.º and.
Telefs.: 4-7033 e 7-2449

— PEÇA AMOSTRA GRATIS A CAIXA POSTAL 847 —